

* Artigo Original

Entre ciência e representações: a esquizofrenia e seus personagens nas páginas da *Folha de S. Paulo*

Carla Costa Garcia

Universidade Estadual Paulista. São Paulo, Brasil. Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Jornalista com especialização em Jornalismo Científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

carlac.garcia@uol.com.br

DOI: 10.3395/receis.v6i4.Sup1.741pt

Resumo

Um tema localizado na intersecção entre saúde e sociedade e uma cobertura midiática marcada pelo encontro entre jornalismo e ciência. Baseado nesse contexto e partindo do pressuposto de notícia como construção social e produto da cultura, este artigo analisa 35 notícias veiculadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 2009, sobre a esquizofrenia e seus personagens. Narrativas noticiosas que abordam a doença mental que carrega o maior estigma e atinge a quase 2 milhões de brasileiros e se referem a seus aspectos clínicos e científicos (saúde) e as ações de possíveis portadores. A partir de análise de conteúdo quantitativa e qualitativa, os textos foram avaliados a fim de compreender quais as notícias que temos, os elementos constitutivos e as versões da “realidade” que atuam em sua construção e, por fim, inferir porque elas são como são. Notou-se uma cobertura notadamente polissêmica, que comporta versões heterogêneas, conflitantes e complementares tanto científicas quanto do senso comum, alternando-se entre as representações sociais de uma ciência idealizada e salvadora, que encontrará a cura da esquizofrenia e as imagens de uma psicose vista como uma condição permanente, resumida pela loucura e cujos portadores são violentos, insanos e incapazes.

Palavras-chave: Comunicação e Saúde. Esquizofrenia. Notícias. Jornalismo Científico. Folha de S. Paulo.

1. Introdução

Uma ciência com muitas interrogações e um saber prático (senso comum) cheio de certezas. É nesse contexto sociocultural que estão inseridos a esquizofrenia e seus personagens – quase 2 milhões de brasileiros. O desconhecido gera o medo e se a sociedade não controla, ela exclui, cria estigmas e representações sociais que obrigam os portadores a conviverem com o preconceito gerado por imagens construídas a partir da relação entre loucura, animalidade, irracionalidade e periculosidade social (FOUCAULT, 1978). Unidades consensuais de pensamento estabelecidas por meio da memória social, de crenças, de notícias e da cultura que disseminam o estigma contra o portador de esquizofrenia e os condenam, muitas vezes, a

viverem como excluídos sociais vagando sem destino pelas ruas das grandes cidades ou trancafiados em suas casas, em hospitais ou nos manicômios judiciários remanescentes, quando a exclusão os aproxima da violência.

A esquizofrenia é uma psicose complexa e intrigante, cujas causas ainda não são totalmente conhecidas (ABP, 2009). A doença caracteriza-se por condutas e manifestações psicológicas que revelam uma perturbação mental e impedem a pessoa de manter relacionamentos interpessoais e arcar com as responsabilidades sociais. O portador de esquizofrenia tende a fechar em si mesmo, apresentando desinteresse por aspectos positivos da vida, como o trabalho, o sexo e o cuidado pessoal; ele adota expressões bizarras como rir sozinho, esquivar-se dos outros e usar uma linguagem própria; além de exprimir ideias delirantes (ROMERO, 1996). Desse modo, durante períodos de crise, ele não consegue manter vínculos reais, refugiando-se no imaginário “chegando inclusive a uma ruptura com a realidade – o que significa que não consegue compartilhar a vida comunitária com suas normas e exigências, ou sua adaptação é muito precária e frágil” (ROMERO, 1994, p.234). Entretanto, quanto tratada, “a evolução é para uma completa ou quase completa recuperação” (OMS, 1993, p.86), sendo que 25% dos casos são curáveis e em outros 50% os pacientes podem viver em sociedade (ABP, 2009).

Ainda assim, a falta de um consenso no campo científico, no qual quatro vertentes – organicismo, psicanálise, existencialismo e comportamentalismo – lutam para chegar a um paradigma e definir o que são as doenças mentais e quais as suas causas¹ e a existência de múltiplas versões e imagens populares construídas sobre os distúrbios que os vêem como sinônimo de loucura² fazem com que a esquizofrenia seja considerada a doença mental com a maior carga de preconceito, mantendo viva a crença de condição intratável e da possibilidade de um portador cometer um ato violento (ABP, 2009). A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2009) ainda expõe outros dados relacionados à psicose:

- 90% das pessoas não sabem o que é a enfermidade;
- Há um grande número de portadores não diagnosticados devido ao estigma relacionado à doença;
- Muitos pacientes param o tratamento por não aceitarem que têm o distúrbio e/ou porque a família nega que há entre eles um portador de transtorno mental e, para não assumir o fato à sociedade, deixa-o recluso e sem atendimento. Isto se dá em função do medo de assumir que um comportamento fora do padrão social ocorre em seu grupo social ou família, o que fortaleceria a discriminação.

Porém, é importante ressaltar que esse estigma construído pelo brasileiro em seu imaginário social sobre a esquizofrenia e seu portador não está presente apenas no meio social. Ele também é incorporado e disseminado pelo meio, produto e produtor midiático e jornalístico – o

¹ Enquanto os organicistas reduzem os transtornos a seu caráter biológico, ignorando a influência do psíquico em sua origem ou manifestação; comportamentalistas, freudianos e existencialistas buscam provar que fatores sociais estão diretamente vinculados aos distúrbios mentais. Para a psicanálise, o fator desencadeador “é o inconsciente; para o comportamentalismo é a conduta; e para a fenomenologia existencial é a vivência enquanto manifestação concreta da existência” (ROMERO, 1994, p.14).

² Michel Foucault (1978), ao estudar a história social da loucura, expôs suas principais representações sociais que as ligam à fúria, animalidade, insanidade, irresponsabilidade e incapacidade de seguir e se adaptar às normas e padrões sociais. Denise Jodelet (2005), por sua vez, incluiu a esse senso comum as crenças no caráter contagioso da loucura.

jornal, a notícia e o jornalista – um ser ativo que compartilha a cultura da sociedade e a utiliza para interpretar o fato noticiado, recontextualizando-o e o reconstruindo em uma narrativa noticiosa, um valor simbólico, que deve ser inteligível ao leitor.

Diante desse cenário e do fato de as representações serem incorporadas e disseminadas pela notícia, a mídia adquire um importante papel social. Ao divulgar a ciência, o jornalismo a populariza mesclando e fundindo o saber popular ao científico (GUARESCHI; JOVECHELOVITCH, 2009) e, por meio da notícia, transmite valores que integram e participam da construção da “realidade”. Por isso, este artigo tem como objeto as notícias sobre a esquizofrenia que se referem a seus aspectos clínicos e científicos (saúde) e a seus personagens veiculadas pela *Folha de S. Paulo* em 2009. Elas foram analisadas com o objetivo de identificar: (a) quais as notícias que temos sobre a psicose e seus portadores; (b) quais os elementos constitutivos e as versões da “realidade” (senso comum e científica) que atuam em sua construção social; (c) e, por fim, inferir porque as notícias – de uma temática de saúde fortemente influenciada por questões sociais – são como são.

Para tanto é utilizado pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. A primeira, na revisão bibliográfica sobre as representações sociais, as teorias da notícia, o jornalismo científico e em saúde e a esquizofrenia e suas representações. Já a análise de conteúdo – a busca por conhecer aquilo que está por trás das palavras (BARDIN, 2009) – é empregada, nos enfoques quantitativo e qualitativo, a fim de analisar as 35 notícias que compõem o *corpus* desta pesquisa, quantificando-as e inferindo a respeito de seu processo de construção e dos sentidos da psicose por elas empregados e difundidos.

2. Jornalismo Científico: entre conceitos, imagens e a ciência salvadora

Divulgar ciência consiste em mesclar o saber popular ao científico (Moscovici apud Guareschi; Jovchelovitch, 2009). É o ato de selecionar um fato científico, interpretá-lo a partir das crenças e conhecimentos compartilhados por uma sociedade – as representações sociais, por exemplo – e transformá-lo em uma narrativa inteligível a um público amplo e abrangente. Sendo que “a transição do conhecimento proveniente de um círculo científico restrito de especialistas para territórios públicos mais amplos é, muitas vezes, a mesma transição entre o pensar com conceitos para o pensar com imagens e mitos” (Moscovici apud BAUER, 2009, p.232).

É ela que diferencia o conteúdo da disseminação e da divulgação científica, cujo um dos tipos é o jornalismo científico. De modo que a “divulgação científica não é outra coisa senão um esforço de inteligibilidade do mundo que se busca e, ao mesmo tempo, se compartilha com os demais” (CAPAZZOLI, 2002, p.121). Para ser inteligível, ela mescla o saber científico ao popular e o pensar com conceitos a mitos e imagens. Característica que é a base do jornalismo científico, um tipo de divulgação capaz de manter a comunicabilidade entre o físico, o advogado, o operário e o filósofo, uma plateia ampla e diversa, transpondo a brecha entre cientistas e não cientistas (Burkett, 1990).

Ao transmitir informações sobre ciência e saúde a mídia desempenha uma missão estratégica e fundamental, que é deixar a sociedade – seu público – minimamente informada sobre essas temáticas, podendo compreendê-las ou, ao menos, saber que elas existem e podem influenciar suas vidas. Dorothy Nelkin (1995) reforça essa função ao afirmar que para muitas pessoas a ciência é aquilo que leem nos jornais.

Por outro lado, Nelkin (1995) também afirma que no jornalismo científico, muitas vezes, a imagem – o senso comum, a crença sobre o tema – substitui o significado real, a informação factível e útil. Com isso, as matérias “vendem” a ideia de que a ciência criou ou está desenvolvendo “soluções mágicas” para a cura de doenças, por exemplo. Outra característica apontada pela autora é a homogeneidade das matérias de ciência, visto que a maioria dos artigos sobre determinada temática recorrem às mesmas fontes, que interpretam diferentes informações de modo semelhante.

Não há contraditório na cobertura de ciência. Dispensamos o jornalismo sobre ciência de cumprir o mandamento que interdita a matéria feita a partir de uma única fonte porque entendemos que não há versões da verdade quando se trata de ciência. Compartilhamos e cultivamos, ao longo da modernidade, a crença de que a verdade da ciência não comporta versões, dado ser a ciência justamente o método mais perfeito desenvolvido pelo homem para a apreensão da verdade sobretudo no mundo passível de ser tomado como objeto desse método. (TEIXEIRA, 2002, p.134)

A crença do jornalista na credibilidade e na neutralidade da ciência limita seu trabalho a apenas reconhecer as informações e “traduzi-las” em versão simplificada (TEIXEIRA, 2002, p.135), sem questioná-las ou ouvir distintas versões para que se construa o enunciado final. Com isso, o jornalista científico “compra” a opinião daquele pesquisador que considera como autoridade, o julgamento objetivo da “verdade”, sem ao menos atentar-se para o fato de que ele pode estar usando a mídia para divulgar seu trabalho e obter apoio da opinião pública e financiamentos para seus estudos. O jornalista torna-se um divulgador da “verdade” desse pesquisador. Com isso, a mídia cobre a ciência como propaganda, exalta seus feitos, ignora os fracassos e jamais questiona. Ela é vista como a solução de todos os problemas, a cura das doenças, o fim da fome, das pragas e das misérias.

3. Representações Sociais

Devido à abrangência e por sua função de recodificar e levar as representações sociais sobre os transtornos mentais e de comportamento e seus portadores ao grande público, os meios de comunicação atuam como auxiliares na constituição do conhecimento e do imaginário da sociedade. As representações sociais, por sua vez, são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Guareschi, 2009, p.196). Vistas como teorias do senso comum ou saber prático, elas são mediações que buscam transformar algo não familiar em familiar. E ao fazê-lo têm a capacidade criativa e transformadora dos sujeitos podendo mudar conceitos, estigmas e a sociedade. Elas nascem da coletividade, mas também a modificam, pois são símbolos construídos e compartilhados por membros do grupo social, que usa a mídia para difundi-los.

4. Notícias: produtos culturais

Notícia, segundo Sousa (2005) é um artefato linguístico que representa determinados aspectos da realidade. Ela resulta de um processo de construção “onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural” (p.3).

A notícia é fruto de um sistema sociocultural, no qual estão inseridos além do próprio jornalista, as fontes, o fato noticiado, a organização jornalística e os interesses, as crenças e a cultura de todos os envolvidos. Desse modo, o jornalista não é alguém neutro, que apenas reporta um fato a partir de normas e procedimentos indicados pelo ritual estratégico profissional, ele se torna participante ativo nessa construção, uma vez que é a partir de sua interpretação do acontecimento – que se dá a partir das crenças, mitos, e representações sociais por ele conjugadas –, que um fato torna-se um discurso e se transforma em notícia.

Os jornalistas enquanto elementos de uma cultura particular “estão sujeitos à ‘gramática da cultura’ (Colby, 1975)” (Bird; Dardenne, 1999, p.271). Regras que determinam quais aspectos da realidade social são úteis para a sobrevivência a fim de que sejam absorvidos (Moretzsohn, 2007) e retratados em narrativas que constituem as notícias (Tuchman, 1999).

As notícias são o produto final de um processo complexo que tem início com a seleção sistemática de acontecimentos (HALL et al., 1999) e versões da realidade socialmente construídas a serem transformados em estórias (TUCHMAN, 1999; BIRD; DARDENNE, 1999), relatos de acontecimentos noticiosos. A notícia é a transformação de um fato em discurso, que institui um modelo simbólico dos valores vigentes na sociedade. Modelo que se estabelece através do que Motta (2002) define como a disputa, situada na linguagem jornalística, entre o logos (rituais e ideologia da objetividade) e o mythos (valores, crenças, fantasias e a cultura do jornalista), que se origina no processo de construção do texto.

É por meio da linguagem que um fato torna-se discurso (notícia). Ele não representa apenas o relato ou a tradução de uma ocorrência em linguagem, mas produz um novo acontecimento, que vem integrar o mundo, criando valores e significações e influenciando sobre e interagindo com a realidade social (Rodrigues, 1999).

Os jornalistas tornam-se ativos quando transformam “uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (Traquina, 1999, p.169) e para fazê-lo recontextualizam o fato a partir de enquadramentos (*frames*) compreendidos, aceitos e legitimados pela sociedade a qual se reportam (Tuchman, 1999; SOUSA, 2002). Utilizam como base de interpretação e construção discursiva da estória, crenças e representações sociais compartilhadas pela cultura e memória social do público. Para isso, precisam estar inseridos e serem sujeitos dessa gramática da cultura, estar familiarizados com instituições, estruturas e pensamentos da coletividade para poderem utilizar, até mesmo inconscientemente, um conjunto de regras e conceitos destinados a dar sentido ao mundo e que sejam inteligíveis em determinado contexto social e histórico (HACKETT, 1999).

5. Entre notícias e representações sociais

Tanto as notícias quanto as representações sociais podem ser interpretadas a partir de seu caráter cultural, uma vez que transmitem valores e até mesmo definições sobre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, o mocinho e o vilão.

A influência das representações sociais sobre a construção da notícia é pouco explorada pelos comunicólogos. Tuchman (1999) afirma que a presença do senso comum (representações sociais) nas narrativas jornalísticas é usada como ritual estratégico do jornalista para garantir a inteligibilidade e aceitabilidade de seu produto. Sousa (2002), Hackett (1999), Tuchman (1999), Traquina (1999) e Moretzsohn (2007) revelam que a construção da notícia parte de

convencões, normas e padrões sociais, que ao lado da cultura predominante determinam os enquadramentos a serem utilizados na interpretação do fato e enquanto se conta a estória. Ou seja, as representações sociais são forças ativas na fabricação de um texto noticioso, que pode reiterá-las, recontextualizá-las e até mesmo combatê-las, mas de qualquer forma, elas estarão nele refletidas e serão por ele alteradas.

Tanto a notícia quanto a representação social nascem do contexto social, são fabricadas para integrá-lo e têm o potencial de construí-lo e alterá-lo, pois a "realidade" também é socialmente construída (Berger; Luckman, 2001). E, a partir do momento em que as notícias e as representações circulam e surgem no tecido social, passam a constituir valores simbólicos e se tornam parte da cultura, dos mitos e das crenças que atuam ativamente na formação desse contexto.

Portanto, o jornalismo trabalha no campo das representações sociais. Desde o senso comum profissional que determina os valores-notícia até mesmo aquele que serve de enquadramento para um fato ser reportado. E usá-las é fundamental para a notícia, seja por refletirem a cultura e as convencões sociais, por garantirem a credibilidade e sustentarem o ideal da objetividade, ou até mesmo por serem familiares ao público, que como audiência significa vendas e anunciantes (lucro). A prática jornalística é entrelaçada pelas representações e, mesmo quando noticia uma versão que contrarie o saber e as crenças populares, elas estarão presentes, nem que seja como contraste. Por isso, o jornalismo é uma atividade que tem o poder de reiterar, alterar e negar as representações sociais.

6. A esquizofrenia nas páginas da *Folha de S.Paulo*

Em 2009, a *Folha de S.Paulo* citou a esquizofrenia em 79 notícias, que utilizaram o termo em contextos diversos como ciência, personagens, geral, opinião, em referência a outras mídias e como metáfora. Porém, desse universo, analisou-se apenas aquelas matérias que se referem à psicose a partir de seus aspectos clínicos e científicos (saúde) ou que mantêm o foco em seus portadores. Por isso, estabeleceu-se que o *corpus* deste artigo seria composto por 35 notícias.

Delas, 25 ou 71,4% referem-se à esquizofrenia por meio do jornalismo científico. São textos que abordam ou divulgam um achado, pesquisa ou acontecimento científico que trazem contribuições e melhorias para os portadores da psicose. Portanto, fatos que alteram o conhecimento e a forma de tratar e compreender a doença e seus portadores. As outras dez matérias (28,6%) focam em pessoas que sejam ou alegam ser portadores de esquizofrenia, porém não o fazem com o objetivo de divulgar ciência, mas a ação de um personagem.

Das 35 notícias somente dez (28,6%) têm a psicose como único transtorno mencionado. Oito (22,9%) vêm acompanhadas por termos usados para referir-se a distúrbios mentais como loucura, doença (doente, distúrbio) mental, tratamento psiquiátrico, surto psicótico e psicose. Em 17 textos (48,6%) ela divide espaço com outros distúrbios como transtorno maníaco-depressivo (7), depressão (5), autismo (3), além de ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo, fobia social, estresse pós-traumático e psicopatia (1 cada).

Os textos foram dispostos em oito diferentes seções do diário. Ainda que se trate de uma temática científica, apenas 14 notícias foram alocadas em Saúde (10), Ciência (3) e Equilíbrio (1), de modo que a editoria que mais explorou a temática foi Ilustrada (11). As outras matérias foram veiculadas em Cotidiano (7), Folhateen (1), Ribeirão (1) e New York Times (1).

As notícias específicas de Personagens foram veiculadas nas editoriais Cotidiano (4), Ilustrada (3), Folhateen (1), Ribeirão (1) e Equilíbrio (1) – seção esta vista como científica. Por outro lado, as de jornalismo científico foram alocadas em Saúde (10), Ilustrada (8), Cotidiano (3), Ciência (3) e New York Times (1). A disposição das matérias por todo o periódico justifica-se pelo fato de que “o conhecimento científico pode ser utilizado para melhor compreender qualquer aspecto, fato, ou acontecimento de interesse jornalístico. Assim, a informação científica pode estar presente em qualquer editoria” (Oliveira, 2002, p.47), a fim de proporcionar matérias secundárias ou que sirvam de pano de fundo para a compreensão de outro evento (Burkett, 1990, p.18), contextualizando-os (LUIZ, 2006, p.51) e os esclarecendo. Em relação à abordagem das notícias sobre o transtorno, 13 matérias (37,1%) apenas o cita, enquanto 22 (62,9%) falam sobre a esquizofrenia. Em 24 (68,6%) textos ouviram-se fontes e em 18 (51,4%) do *corpus* há personagens.

7. A esquizofrenia na *Folha de S.Paulo*: quando ciência e saúde são notícia

Como dito anteriormente, no jornal *Folha de S.Paulo* 25 notícias abordaram a esquizofrenia a partir de seus aspectos clínicos e científicos no ano de 2009. Destas, 12 matérias divulgaram um evento, projeto ou estudo científico conduzido por instituições de pesquisa, sendo três nacionais e oito internacionais. Sete textos veicularam opiniões – em artigos ou editoriais – sobre a psicose ou seus portadores. Três voltaram seu foco à saúde pública, com ênfase na questão do tratamento e do atendimento ministrado ao doente mental. Duas discutiram sobre medicações ou terapias alternativas e um texto adotou um foco distinto, ao divulgar a esquizofrenia a partir da história de luta, sofrimento e superação de um portador, José Alberto Orsi.

Quadro 1 – Esquizofrenia enquanto ciência: temáticas abordadas

Temática	Quantidade
Causas	7
Diagnóstico	1
Terapias	3
Medicamentos	4
Tratamento – Reforma Psiquiátrica	4
Tratamento – Saúde Pública	3
Reinserção Social	1
Divulgando a doença pelo portador	1
Arte e internação	1

Fonte: dados da autora

As notícias adotaram um viés notadamente organicista, no qual a esquizofrenia era vista com uma doença ocasionada por uma falha orgânica – genética ou biológica – que causa o mau funcionamento do cérebro, impedindo a concentração do portador em tarefas comuns ou confundindo seus pensamentos e sua noção entre real e imaginário. Como explicou o poeta

Ferreira Gullar, pai de dois portadores de esquizofrenia, em um de seus artigos, nos quais fazia um desabafo e criticava a Reforma Psiquiátrica.

Doença mental não é motivo de vergonha, não pode ser estigma para ninguém, trata-se de uma enfermidade como outra qualquer. O cérebro é um órgão do corpo humano como o coração ou os rins e, por isso, pode adoecer como qualquer um deles. Porque uma de suas funções é produzir pensamentos, se passa a funcionar mal, o cara perde o controle do que pensa, ouve vozes ou sofre alucinações. (GULLAR, 2009)

Além do poeta, que a seu modo buscou conceituar e explicar as doenças mentais, somente uma matéria – esta de saúde pública, mas que repercutia o questionamento de Gullar sobre a implantação da Reforma Psiquiátrica no país – o fez. Alocada em Cotidiano, a notícia “Falta leite psiquiátrico na rede, diz escritor” (FALTA..., 2009) traz uma entrevista com o vice-presidente da Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Esquizofrenia – Abre –, João Cândido de Assis, também portador da psicose, na qual ele, no papel do discurso de autoridade, avalia a reforma e o tratamento público ministrado aos portadores. A explicação, porém, é dada pelo jornalista que faz uso de aposto ao identificar a esquizofrenia como “doença em que o paciente enfrenta fases de não distinguir realidade do que acredita ser real” (FALTA..., 2009). Essa conceituação não científica exemplifica o tratamento dado pelo jornal à esquizofrenia, no qual o didatismo é raro ou omisso e quando buscado o faz apenas ao descrever os sintomas da doença ou um caso de alucinação, mas jamais explica que esquizofrenia é uma psicose (doença mental), cujas causas são biológicas e também comportamentais, como pode ser notado em “Esquizofrenia sob controle” (COLLUCCI, 2009). A notícia que conta a história do engenheiro e diretor da Abre, José Alberto Orsi, um homem inteligente e profissional brilhante, filho de um portador de esquizofrenia que, já na vida adulta, começou a manifestar os primeiros surtos psicóticos.

Em um dos surtos de esquizofrenia, o engenheiro José Alberto Orsi, 41, acreditou que estava sendo monitorado por agentes da FBI [a polícia federal dos EUA] e da CIA [agência de inteligência norte-americana]. Em outro, imaginou ser Adão e se jogou nu em uma piscina. Depois, achou que era a reencarnação de Jesus Cristo. Foram seis anos de sintomas, quatro surtos psicóticos e seis internações em clínicas psiquiátricas no Brasil e nos Estados Unidos até receber o diagnóstico de transtorno esquizoafetivo – uma doença que associa a esquizofrenia e o distúrbio bipolar. (COLLUCCI, 2009)

O texto elucida os sintomas, exemplifica as crises e as alucinações, elenca as possíveis causas e as situações pelas quais Orsi estava passando no momento dos surtos, levantando, inclusive, a hipótese sobre a hereditariedade e ainda conta que é difícil chegar a um diagnóstico preciso. Mostra a dificuldade de o paciente aceitar-se portador de esquizofrenia e tomar os medicamentos. Explica, através da fala de um *expertise*, que a doença é degenerativa e os surtos causam perdas de neurônio, mas em momento algum define o que é esquizofrenia. Para isso, trabalha-se com duas possibilidades: ou a jornalista acreditou que dar essas informações – inéditas em relação aos outros textos – já bastava para que o leitor compreendesse e soubesse o que é a doença, ou ela partiu do pressuposto de que por não ser um assunto novo, a totalidade de seus leitores sabe o que é a esquizofrenia.

Caso a segunda hipótese seja a crença do jornal, uma vez que outros textos também não trazem uma definição para a psicose, caberia, então, ao leitor usar o seu conhecimento prévio – sendo que, segundo a ABP (2009), 90% das pessoas não sabem o que é a esquizofrenia –

para compreender o texto e o contexto descrito. E, na ausência do conhecimento científico, destaca-se o saber popular, o qual é baseado em representações sociais que associam o transtorno à loucura e seu portador à violência, à irracionalidade, à insanidade e à periculosidade social. De modo que a esquizofrenia seja vista como uma doença, algo ruim e negativo. Imagem que vai ao encontro do próprio sentido de enfermidade, “um estado que afeta o organismo de um indivíduo” (Adam; Herzlich, 2001, p.9), impedindo o bem-estar e, por consequência, causando sofrimento. E é exatamente a doença, que se destaca como a protagonista da cobertura de Comunicação e Saúde (BUENO, s/d).

Em contrapartida à visão de sofrimento, as notícias apresentam uma imagem idealizada da Ciência, que será a responsável por descobrir as causas, compreender a doença, definir os tratamentos e encontrar a cura da psicose, ou seja, como a “super-heroína” capaz encontrar “soluções mágicas” (NELKIN, 1995) para excluir os sofrimentos dos homens. E o fazem como uma corrida na qual sempre são apresentadas as últimas descobertas, estudos e os medicamentos mais eficazes. Informações que por terem sido veiculadas em um periódico internacional de respeito ou produzidas por uma instituição ou país de ponta não precisam ser questionadas ou repercutidas, uma vez que a ciência é algo infalível e seus pesquisadores têm como único interesse trabalhar em prol da humanidade (TEIXEIRA, 2002). Por isso, nota-se que os textos costumam dar voz apenas aos pesquisadores que participam da pesquisa ou, em muitos casos são construídos somente a partir do resumo de um artigo científico.

Se a ciência é a salvação, o meio é a genética, que é vista como a causa e o caminho para a compreensão da psicose. Notícias como “Autismo é o preço da inteligência” (ANGELO, 2009a) e “DNA apagado dobra risco de tumor no cérebro, diz grupo” (ANGELO, 2009b) divulgam estudos e opiniões de *expertises* que afirmam ter encontrado genes ou mecanismos genéticos que seriam os causadores da psicose. Nas outras matérias que abordam a busca pela causa e tratamentos, o foco na genética é corroborado.

Nota-se, portanto, que a cobertura da esquizofrenia como ciência é fortemente marcada pela crença de uma ciência salvadora e o ainda forte encantamento pela genética. O fator sociedade-comportamento é minimizado e encoberto pela visão organicista de que o mau funcionamento do cérebro é a causa predominante da psicose. E se é biológica, cabe à ciência desvendá-la e descobrir sua cura. Pois, ainda que ressaltem o caráter da doença e do sofrimento, predomina a visão de que por meio da ciência, com terapias e medicações é possível curar esses quase 2 milhões de brasileiros que “sofrem” de e pela esquizofrenia e reinseri-los socialmente.

8. Esquizofrenia na *Folha de S.Paulo*: quando o personagem é a notícia

Dez notícias referem-se aos Personagens da esquizofrenia. São textos que retratam não a psicose, mas a pessoas que portam ou alegam tê-la. Desses textos, sete retratam o portador de modo negativo, dois focam o caráter negativo do transtorno mental e um, ainda que construído a partir do senso comum da loucura, fala em inserção social e mostra o personagem positivamente.

“Editor abre baú de Agrippino de Paula” (EZABELLA, 2009) e a entrevista de Mônica Bergamo com a atriz Deborah Secco (BERGAMO, 2009) retratam os personagens das notícias de forma

positiva, porém referem-se à esquizofrenia como algo incapacitante e insano, visto que o portador seria incapaz de distinguir real e imaginário.

Dos sete textos que se referem negativamente ao portador, dois relatam os personagens como seres dependentes e incapazes. Os outros cinco textos retratam situações de violência e, em alguns casos, a esquizofrenia é a justificativa para um crime irracional ou brutal ou o recurso usado por réus na justiça. Eles alegam ser portadores da psicose a fim obter atenuante de pena, pois pela legislação penal, portador de doença mental é considerado inimputável e, ao invés de pena, só pode cumprir medida de segurança.

A notícia "Paciente produz e dirige documentário; ator cria blog contra preconceito" (BANDEIRA, 2009) é a única que retrata a esquizofrenia e seus portadores de modo positivo, porém o faz dentro das imagens e dos preconceitos existentes na sociedade em relação à loucura e a seus personagens. O texto retrata ações do ator global Bruno Gagliasso e do cineasta Kayky Avraham, – este portador de esquizofrenia – que usam a arte "como forma de combater a loucura" (BANDEIRA, 2009, *grifo meu*). Avraham codirigiu o filme *Sociedade Secreta*, sobre as mudanças no atendimento à saúde mental após a Reforma Psiquiátrica de 2001. "Gagliasso, que interpreta o personagem esquizofrênico Tarso na novela 'Caminho das Índias', usa a arte para contar que problemas como o preconceito sofrido por Avraham continuam parte da rotina dos doentes mentais" (BANDEIRA, 2009, *grifo meu*).

O texto aborda a questão do estigma em relação aos doentes mentais e cita exemplos vivenciados pelo ator: "O preconceito contra essas pessoas é imenso. Um paciente com esquizofrenia me disse que nem queria ter os direitos dos 'normais', só queria ser visto da mesma forma que um deficiente físico" (BANDEIRA, 2009) – e também pelo presidente da Associação Brasileira de Saúde Mental, Walter de Oliveira: "Basta a pessoa chegar perto de um hospital psiquiátrico que fica estigmatizada, é vista como improdutiva".

A matéria é finalizada com outro exemplo do ator. Em 2008, na peça "Um Certo Van Gogh", Gagliasso interpretou o pintor holandês, que sofria de ataques psicóticos e delírios e, para isso, participava de ensaios de uma banda formada por profissionais e pacientes psiquiátricos, no Rio, e o taxista tinha medo de levá-lo até a clínica. "Eu o convidei a entrar. Apontei para um deles, todo mundo dançando e cantando, e perguntei para o taxista 'esse aí é louco'? 'Claro que é, olha a cara dele', ele respondeu. Era um dos terapeutas" (BANDEIRA, 2009).

Essa matéria pode ser vista como um exemplo clássico a respeito da construção da notícia. Nela, um novo acontecimento – o uso da arte por Avraham e Gagliasso para lutar contra o preconceito aos doentes mentais – foi selecionado e transformado em narrativa noticiosa após a interpretação do fato dentro dos enquadramentos culturais existentes. Os quais se manifestam a partir da visão da loucura como definição de toda e qualquer forma de transtorno mental e também como o termo que concentra o maior estigma em relação aos portadores de doenças mentais; do uso de esquizofrênico ao invés de portador de esquizofrenia, o que faz com que a pessoa torne-se a própria encarnação da doença, que é instituída como condição permanente; e também no exemplo do taxista, que se baseia numa imagem e em pré-conceitos moldados socialmente para definir quem é ou não é louco.

Desse modo, ainda que o texto busque veicular a questão da inserção social dos portadores de distúrbios mentais, ele foi construído a partir de interpretações e significados comuns ao público leitor – a loucura e o estigma. O que confirma a afirmação de que mesmo quando se

noticia uma versão que contrarie o saber e as crenças populares, o senso comum estará presente, nem que seja como contraste.

Portanto, notou-se que quando o personagem é o foco do texto, as representações sociais da loucura são fortemente empregadas. Seja para justificar um ato brutal ou insano ou como pano de fundo para compreender uma luta pela inclusão social.

9. Considerações Finais

Em se tratando de uma temática de saúde fortemente influenciada por questões sociais, é possível afirmar que na construção social das narrativas noticiosas sobre a esquizofrenia e seus personagens há espaço tanto para as versões da ciência, quanto para os múltiplos enunciados que compõem o senso comum e as representações sociais, que também atuam nos sentidos científicos e, por sua vez, integram o saber popular. Portanto, tanto no viés científico quanto nos textos que focam ações de personagens são empregadas múltiplas imagens e significados da psicose, os quais são heterogêneos, conflitantes, mas também complementares.

De modo que, a esquizofrenia é apresentada como uma doença exclusivamente orgânica, mas também influenciada por fatores comportamentais e ambientais; a ciência e a genética são o meio para sua compreensão, tratamento e eventual cura; entretanto, a psicose é algo permanente, que traz sofrimento e está relacionada à morte e a ação violenta de seus personagens, os quais, por sua vez, são a personificação da psicose, mas também podem ser inteligentes e brilhantes, ainda que frágeis, dependentes e incapazes de diferenciar real e imaginário.

Por isso, é possível afirmar que a *Folha de S.Paulo* realiza uma cobertura polissêmica, abordando muitos sentidos de uma única psicose, e na qual, a informação científica e as tentativas de reinserção social convivem lado a lado com a corroboração do preconceito e as representações sociais da loucura, que mesmo quando negadas são lembradas e utilizadas para fornecer os enquadramentos culturais pré-existentes, que permitem ao público e também ao jornalista compreender o conteúdo do texto.

Conclui-se que as notícias sobre a esquizofrenia são como são, pois tendem a incorporar e disseminar tanto as representações sociais da ciência como salvação, em especial o encantamento com a genética e a busca pela saúde perfeita, quanto o senso comum da loucura e suas construções negativas. Isso se dá uma vez que o jornal é um veículo cuja característica intrínseca é a diversidade de vozes e versões da "realidade" por ele empregadas, já o jornalismo atua no campo do senso comum e as notícias, como produtos culturais, estão presas a uma representação social, seja para reafirmá-la ou rebatê-la. Por isso, elas partem de um conhecimento popular para informar o leitor de algo novo, usam enquadramentos culturais já existentes e compartilhados pelo público, jornal e jornalistas a fim de fornecer uma informação inteligível e capaz de ser inserida na realidade social que a formou, mas que ela também ajudará a construir ao ser disseminada e compreendida pelo leitor.

Referências Bibliográficas

- ABP – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Manual para a imprensa:** boas práticas de comunicação e guia com recomendações para um texto claro e esclarecedor sobre doenças mentais e psiquiatria. Rio de Janeiro, 2009.
- ADAM, P.; HERZLICH, C. **Sociologia da doença e da Medicina.** Bauru: Edusc, 2001.
- ANGELO, C. Autismo é o preço da inteligência. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 3 jun. 2009a. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: mar. 2012.
- ANGELO, C. DNA apagado dobra risco de tumor no cérebro, diz grupo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 jun. 2009b. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: mar. 2012.
- BANDEIRA, D. V. Paciente produz e dirige documentário; ator cria blog contra preconceito. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 4 jul. 2009. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: mar. 2012.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUER, M. A Popularização da Ciência como imunização cultural: a função de resistência das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais.** 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 229-257.
- BERGAMO, M. Mônica Bergamo. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 23 ago. 2009. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: mar. 2012.
- BERGER, L. P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** 20. ed. Vozes, Petrópolis: 2001.
- BIRD, E.; DARDENNE, R. W. Mito, registro e "estórias": explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 263-277.
- BUENO, W. C. Comunicação para a saúde: uma revisão crítica. **Portal do Jornalismo Científico**, São Paulo. Disponível em <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo9.php>. Acesso em: 12 de set. 2011.
- BURKETT, W. **Jornalismo Científico:** Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CAPAZZOLI, U. A divulgação e o Pulo do Gato. In: MASSARINI, L; MOREIRA, I.C; BRITO, F. (Org.). **Ciência e Público:** caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 121-131.
- COLLUCCI, C. Esquizofrenia sob controle. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 7 jun. 2009. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: mar. 2012.
- EZABELLA, F. Editor abre baú de Agripino de Paula. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 19 jan. 2009. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: mar. 2012.

FALTA leito psiquiátrico na rede, diz escritor. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 abr. 2009. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: mar. 2012.

FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GUARESCHI, P. "Sem Dinheiro Não Há Salvação": ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 191-225.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GULLAR, F. Boas intenções não bastam. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 jul. 2009. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: mar. 2012.

HALL, S. et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LUIZ, O. C. **Ciência e risco à saúde nos jornais diários**. São Paulo: Annablume; São Bernardo do Campo: Cescó, 2006.

MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MOTTA, L. G. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 19, 2002. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index/php/revistafamecos/article/viewFile/3187/245>>. Acesso em: 6 abr. 2010.

NELKIN, D. **Selling Science: how the press covers science and technology**. New York: Freeman, 1995.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

OMS – Organização Mundial da Saúde (Coord.). **Classificações de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 27-33.

ROMERO, E. **O Inquilino do imaginário: formas de alienação e psicopatologia**. São Paulo: Lemos Editorial, 1994.

ROMERO, E. **Essas inquietantes ervas do jardim: o normal e o sintomático**. São Paulo: Lemos Editorial, 1996.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, J. P. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. **BOCC**, Portugal, 2005. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2011.

TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

TRAQUINA, N. As notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 167-176.

TEIXEIRA, M. Pressupostos do Jornalismo de Ciência no Brasil. In: MASSARINI, L; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.). **Ciência e Público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 133-141.

TUCHMAN, G. Contando "estórias". In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 258-262.

Recebido em: 23/01/2013

Aceito em: 06/02/2013